

CEDI - P. I. B.  
DATA 19 / 03 / 87  
COD. 0 2 0 7

# ITINERARIO

DA CIDADE DA PALMA, EM GOYAZ, Á CIDADE DE BELEM NO PARÁ,  
PELO RIO TOCANTINS, E BREVE NOTICIA DO NORTE  
DA PROVINCIA DE GOYAZ.

Senhor! — Quando eu abaixo assignado exercia o cargo de juiz de direito da comarca da Palma em Goyaz, obtive do governo de Vossa Magestade Imperial tres mezes de licença, para gozar onde me conviesse, e convencido de que em uma viagem por terra d'alli para esta côrte gastaria quasi todo o tempo da licença, e talvez mais, o que não succederia na viagem fluvial e marítima, e desejoso ao mesmo tempo de ver cidades, villas, povoados e aldeas, que ha nas margens do Tocantins, de experimentar uma viagem que offerece tantos objectos de curiosidade e de admiração, resolvi descer da cidade da Palma á do Pará pelo mencionado rio.

Quando resolvi fazer esta viagem, não fallou quem me expressasse os incommodos que soffre, os perigos que corre quem viaja; porém iguaes considerações já me tinham sido feitas na corte, quando resolvi ir para Palma exercer o meu emprego: então concluíerei que os incommodos são inherentes a qualquer viagem, e que os riscos e perigos não deviam desanimar a quem tem viajado em navios de vapor: porque estes, além de estarem sujeitos ás consequencias do furacão, fazem consigo um volcão artificial, que todo o dia, a toda hora e a cada instante ameaça uma explosão: entretanto nemem passa os dias e as noites, come e dorme sobre esse volcão!...

Além d'isto pensava eu, e penso ainda, que aquelle que nunca soffreu incommodos, que não experimentou perigos, não pôde bem apreciar os commodos e os prazeres da vida tranquilla; porque é tal a fraqueza da natureza humana, que o contraste do mal se pôde apreciar devidamente o bem. Assim, na primeira viagem (a da côrte para Goyaz), a curiosidade, a idéa de cumprir os deveres do cargo que havia assumido, o desejo de ser útil ao paiz, administrando justiça, e de esta nunca tinha imperado, onde nem mesmo a vida do viajado era respeitada, e o desejo de fazer conhecer as

vantagens da justiça me animaram; na segunda, o amor á observação, o desejo de ser útil ao paiz, dando noticia das riquezas, o receio de commetter uma falta por excesso de cengça, fizeram-me ter em pouca monta as difficuldades e rigos da viagem.

Feita a viagem, entendi que fazia um serviço ao meu offerecendo á consideração de Vossa Magestade Imperial succinta narração do que vi, do que observei, e expondo ao mesmo tempo os meios que me suscitou a fraca intelligencia pelos quaes podem ser aproveitadas as riquezas d'esta do Brasil, o producto dos trabalhos dos indigenas, os meios de facilitar o commercio com a provincia do Pará, de melhorar a condição dos habitantes das margens d'este tão fértil rio, digno da protecção de Vossa Magestade Imperial.

Sinto não saber os principios das sciencias naturaes poder descrever a natureza e elevação do terreno, qual os mineraes, especificar as plantas, as flôres, os animaes, etc.; porém entendo que a simples exposição que farei é sufficiente para chamar a attenção de Vossa Magestade Imperial em prol das riquezas abandonadas, em favor de um dos seus subditos que vivem como no esquecimento, e de parte da humanidade, que vive no paiz desconhecido, moral, a religião, as vantagens da vida social, certo estou, de que Vossa Magestade sabe apreciar devidamente estas cousas, e tem o patriotismo e poder necessario para tudo quanto dictar sua sabedoria.

De Vossa Magestade Imperial o mais obediente subdito,

*Vicente Ferreira Gomes,*

Rio de Janeiro, 14 de Março de 1859.

#### CAPITULO I.

#### Descripção da Palma e comarcas adjacentes.

A comarca da Palma está entre 11 e 14 grãos de latitude e é banhada pelos rios Maranhão, Palma e Paraná, recebendo o Palma junto á cidade d'este nome, de

curso de 10 leguas ao norte, faz junção com o rio Maranhão, e toma o nome de Tocantins: é banhada por outros pequenos rios e muitos correços, que desaguam n'estes tres rios, e contém muitas lagoas: está actualmente dividida em tres municipios: primeiro o da Palma, que comprehende a freguezia d'este nome, a de S. Felix e a do Espirito Santo do Peixe: a cidade da Palma é o maior povoado do norte da provincia de Goiás, é habitada por fazendeiros, negociantes, artistas, empregados publicos, e pessoas que se empregam na navegação, etc. N'este municipio o gado se reproduz em menos de tres annos; ha excellentes matas, e bosques mui proprios para a cultura de canna, de legumes: o commercio n'esta cidade se augmenta de dia em dia, e fornece os generos importados do Pará aos habitantes das comarcas limitrophes, Cavalcanti e Paraná, e ao municipio de Natividade da comarca do Porto Imperial: na distancia de 10 leguas para o occidente existem aguas thermaes, que têm dado saude a muita gente, e nas proximidades d'essas fontes ha signaes mui pronunciados de balneantes: na distancia de meia legua para o norte ha uma source de aguas ferreas.

O segundo municipio é o da Conceição do Norte, que comprehende duas freguezias, Conceição e S. José: na primeira encontra-se o ouro em toda a parte, sendo que as pessoas mais ignorantes e mezes industriças o descobrem ás vezes na superficie da terra, da qual não se extrahem incommensuravel riqueza por falta de braços, ou antes por falta de industria. Ha n'esta freguezia homens, como o tenente-coronel do titulo José de Almeida Leal, cuja fortuna foi pela maior parte adquirida em poucos dias e como por acaso; um homem de Paranaguá, sem sciencia nem pratica alguma de mineração, descobriu uma veia de ouro em pó muito abundante, e quando ser violentado e esbulhado de sua descoberta, convidou para serem seus socios n'essa lavra ao mencionado tenente-coronel Leal, tenente-coronel Torquato e a um seu amigo, e todos ficaram ricos, sendo para notar que as lavras de onde se extrahiu essa grande quantidade de ouro, demonstram que elle foi achado quasi na superficie da terra, e que poucos trabalhos n'ella se fizeram para colher essa riqueza.

A outra freguezia, de S. José do Duro, sendo situada em terreno muito elevado, tem o clima frio e secco, e muito agrá-

davel, melhor que o de Petropolis; é abundante de vertentes, de espessas matas; de campinas proprias para a criação do gado, tem minas de ouro e de salitre, e o páo-brasil.

O governo de Vossa Magestade Imperial, por decreto de 7 de Janeiro de 1854, concedeu privilegio a José Carneiro de Mendonça Franco e a outro para extrahir ouro em uma área de 20 leguas de terra, tendo por centro a povoação do Duro; porém por fallecimento de um dos concessionarios, deixou de ir avante esta empresa, sendo que as pessoas que exploraram e continuam a trabalhar em uma das minas do Duro, têm tirado grandes vantagens, apesar da imperfeição das machinas. O terceiro municipio é o de Santa Maria, cuja villa está situada em proximidade da serra da Tabatinga, que limita a provincia de Goyaz com a da Bahia; seu terreno é muito elevado e montanhoso, pedregoso, abundante de madeiras da construção, tem muitas e limpidas fontes, férteis prados, matos proprios para a criação do gado, que no sertão chamam — Catiungas —, possui muitas minas de salitre e muita pedra calcarea.

Ao sul da Palma está a comarca de Cavalcanti, cuja villa dista da Palma 30 leguas, comprehende dous municipios, o de Cavalcanti e o de Arraias: este contém minas de ouro, ricas pastagens, produz excellente assucar, apesar da imperfeição do fabrico, café, viveres de toda a qualidade: lá estão os celebros subterraneos, onde se encontram pedras (stalactilos) de muito variadas formas, como a de uma vela, de uma arvore, de um veado, e de cor clara como a cal, as quaes se tornam escuras, logo que são expostas ao ar e aos raios de sol: o municipio de Cavalcanti é de clima frio, de variados pastos, rico de minas de ouro e ferro, pobre de gente, possui muitas florestas, e o café e o trigo são suas maiores produções. Essa comarca é banhada pelo rio Paraná, tributario do Tocantins.

Ao norte da Palma está a comarca do Porto Imperial, que comprehende dous municipios, o de Natividade (cuja villa dista da cidade da Palma 24 leguas), produz muito gado, é abundante de viveres, contém ricas minas de ouro: alli se tem encontrado no rio Manoel Alves Pequeno alguns diamantes conduzidos sem duvida pela corrente das aguas emanadas das minas: um vi eu em 1857 em mão do finado João José, ne-

gociante residente no Duro, muito claro, faceado, lizo, como se tivesse sido lapidado, tendo sido achado n'esse mesmo estado: outros muitos têm sido achados em diversas épocas no mesmo rio: este municipio, além da villa que é muito povoada, conta duas povoações, a de Sant'Anna da Chapada, e de S. Miguel. O outro municipio é o do Porto Imperial, cuja villa dista de Natividade vinte e seis leguas, e está situada na margem oriental do Tocantins; é habitada por negociantes, fazendeiros, agricultores, artistas, etc.: este termo tem mais florestas do que campinas, e é muito rico de minas de ouro: alli conheci o capitão Sebastião Lopes Guimarães, cuja fortuna é avaliada em centenas de contos, a maior parte herdada de seus pais e avós, que depararam com grande quantidade de ouro em barras.

Na distancia de seis leguas da villa do Porto Imperial para o lado do nascente está situada a grande povoação do Carmo, muito mais populosa que a villa.

As comarcas da Palma e do Porto Imperial comprehendem terrenos que ficam além do Tocantins, na margem occidental, e terminam no rio Araguaya, porém todas estas terras cobertas dos mais nutritivos prados, de florestas muito espessas, de minas de fino ouro, estão abandonadas por causa do receio que ha dos indigenas canoeiros, os quaes ha mais de dez annos que não fazem aggressão alguma, talvez porque já estejam convencidos de que a gente civilizada não os quer hostilizar, como succedia d'antes, cujo systema era destruir esta parte do genero humano. Comtudo, na comarca da Palma já um fazendeiro, o tenente-coronel José Theotônio Souza, homem comprehendedor, que olha os indigenas como todos deviam olhar, forte nos meios e forte em sua consciencia, lançou gados além do rio Maranhão, confluyente do Tocantins, nas terras que ficam na foz d'aquelle rio: e na comarca do Porto Imperial, nas proximidades da villa d'esse nome, ha habitantes na margem occidental do Tocantins, que vivem de lavouras: porém estes não transpõem para o norte a serra que dista do rio duas leguas, porque, como os da Palma, receiam as hostilidades dos indigenas; porém é de crer que não seja esta a causa; a causa é sem duvida não precisarem de ir além; vivem elles na abundancia dos viveres, da caça e da pesca, nada mais ambicionam; essa mesma

é a razão porque não exploram as minas no Pontal e ao Carmo, que, segundo informações muito veridicas, produziram centenaes de arrobas de ouro, no tempo em que quer especular sem direcção, sem sciencia ou industria para aquelles lugares com alguns escravos fazer fortuna.

Estas duas comarcas têm commercio com o Pará pelo Tocantins, e com a Bahia por terra.

Antes de chegar ao Porto Imperial, o d'ahi para o norte até chegar á cidade de Carolina (Maranhão), especialmente perto d'estes dous povoados, ha habitações mais ou menos proximas ás margens do rio de pessoas, que vivem da criação do gado, lavouras e pesca: sendo que a trinta leguas distante do Porto Imperial se acha a primeira aldeia dos Yantés, que vivem em paz, plantam legumes, pescam, caçam e tendo deixado a vida errante, têm habitações permanentes. D'ahi para o norte se observa em muitos lugares o furo de var-se por entre os matos (signal da existencia das chapas dos indigenas) e se vê em outros á margem do rio mesmos indigenas em completa nudez, armados do arco flexa para pescar.

A sessenta leguas da villa do Porto Imperial, na margem oriental do rio Tocantins, e perto da foz do rio do Soano, está situada a povoação de Pedro Affonso, povoação pequena, e ha um missionario capuchinho, frei Raphael, que diz ha na distancia de quatro leguas, tres aldeas de indigenas netos, os quaes não foram por mim vistos, apesar do grande desejo que tinha, porque o mencionado missionario disse-me que n'aquelle tempo em Janeiro os indigenas estavam sentes das aldeas em suas caçadas, por não ser tempo de plantação nem de colheita, que nas aldeas só encontraria gados velhos que, pela avançada idade, não podiam caminhar. disse-me esse frade que nada podia fazer para agrada-los indigenas, para induzil-os ao modo de vida mais estavel ao estado social, porque lhe faltavam os meios, sendo que vivia de lavoura pela difficuldade, ou antes impossibilidade de receber o subsidio promettido pelo governo; que o presidente da provincia havia mandado estabelecer uma officina de ferreiro, porém que os indigenas não queriam permanecer na povoação, como se se não podesse estabelecer officina na aldeia: disse-me, finalmente, que estes indig-

nas de duas nações, carais e chavantes: que em geral são elles robustos, sadios, pacificos e muito andeijos.

D'ahi para o norte até Carolina continuam nas margens do rio, como foi dito, as habitações e roças dos indigenas, e de outras gentes, a que chamam christãos, sem duvida em contraposição a pagãos.

A trinta leguas da povoação Pedro Affonso, e na margem oriental do rio, está situada a cidade de Carolina, comarca do Maranhão, que limita esta provincia com a de Goyaz; esta comarca tem copiosas e espessas florestas, longas e férteis campinas, e muito gado.

A cidade floresce, e dá esperanças de engrandecimento pelo commercio com o Pará, pelo Tocantins e com o Maranhão por terra e pelo seu rio navegavel.

Descendo pelo rio na distancia de 40 leguas (da Carolina) e na margem occidental d'elle está a cidade da Boa-Vista; n'este espaço, e em ambas as margens do rio ha successivas habitações de indigenas civilizados e de descendentes de naturaes das provincias do Maranhão, Piahy e Bahia e de alguns portuguezes, os quaes vivem pela maior parte da lavoura, caça e pesca.

Esta cidade, que é cabeça da comarca (da Boa-Vista) provincia de Goyaz, floresce com o commercio do Pará, com a agricultura e criação do gado: está situada em terreno elevado, e onde se descortina o rio em longo espaço: o seu terreno é fértilissimo, as laranjeiras que existem nas ruas e nos quintaes ornadas com seus fructos dão-lhe uma belleza singular.

## CAPITULO II.

### Descrição das aldeas dos apinagés, seus usos e costumes.

Na distancia de cinco leguas d'esta cidade, ao occidente, ha tres aldeas de indigenas da tribu — apinagé — cuja tribu, quando me informaram o missionario capuchinho e o vigário, ha mil e oitocentas a duas mil almas. Em companhia de tres homens e um menino fui eu á primeira aldeia, que é

composta de trinta a quarenta casas, e talvez seiscentos habitantes: as casas são de palha, baixas e espaçosas: em cada uma moram quatro, cinco e seis famílias, cujo numero conhece pelas grandes camas ou giráos cobertos de esteiras de palha de palmeiras, e ahí são encontrados os homens, as mulheres, os meninos, os pais e filhos do mesmo casal: exceptua-se a casa do cacique, onde elle vive só com mulher e filhos: as casas todas formam um circulo, e no centro estão duas destinadas uma para os homens e outra para as mulheres que estão na puberdade, ou que se approximam a esse estado: segundo me pareceu, os quaes só mudam de habitação quando casam, como fui informado, sendo que nenhum homem vai á casa das moças, nenhuma mulher vai á casa dos moços, porque estas casas se reputam privilegiadas; porém é permitido sabir quando lhes apraz para conversar na casa de seus pais e parentes, para irem ao trabalho, ao rio etc., etc., e para o homem casar basta que tenha certa idade, de proveito de força, agilidade, que saiba manejar bem o arco e flexa, que seja, como elles dizem, um guerreiro; e observadas certas ceremonias para nós ridiculas, vive a sós o homem com uma mulher desconhecendo a polygamia e o concubinato. Parece que desconhecem as leis do pejo, toleram o adultério, a substituição das mulheres com pessoas estranhas á tribu, por alguns vi que se mostravam muito amantes das esposas, e zelosos que d'ellas não se apartavam um momento, talvez por causa do abuso da hospitalidade, que tem feito alguns viajantes ou curiosos que têm ido ver essa boa gente.

A principio causou-me repugnancia ver o estado selvagem em que vive tanta gente: os habitos, os costumes sociais, idéas de moral pareciam repellir-me d'alli para fóra; porém a facilidade com que essa gente costuma acolher as pessoas, e lhe são desconhecidas, a bondade com que tratam aquelles que visitam-a, sua simplicidade, ingenuidade, esse mesmo estado em que o Creator a lançou na terra, produz um sentimento de amor, de amizade, de compaixão, de interesse suscita tantas idéas sobre sua actual condição e o melhoramento d'ella, que o observador não póde deixar de ter idéas suas singeleza; allí se observa a natureza em toda a sua sua singeleza; allí não se vê os adornos occultando os defeitos naturaes, nem as produções da arte e do capricho occultando

a formosura, contrafazendo a obra do Creator: allí não se sentem as delicadezas da sociedade civilisada de envolta com o fingimento, com a mentira; a li não se hospeda por ostentação, por comprazer ao hospede, e sim por inclinação natural, como dever innato: allí só se vê a formosura natural, só se respira o ar puro da natureza, só se ouve a verdade (tal como elles a entendem) pura e simples como é a mesma verdade.

Não era meu intento descrever n'este lugar os costumes d'estes indigenas, outro era o lugar competente; porém como fallar n'esta gente sem fallar ao mesmo tempo de sua indole, seus costumes e habitos que são os unicos titulos de recommendação, que elles têm para o governo imperial, para a nação brasileira, de que fazem parte, e para a humanidade?

E pois desculpa merece esta irregularidade no systema adoptado para esta descripção.

Em geral são os indigenas d'esta tribu robustos, saudios, sendo notavel que entre seiscentas pessoas apenas se encontrassem dous velhos, que por sua idade avançada estavam de cama, e não se podiam levantar, e duas mulheres doentes de sarnas: têm os corpos bonitos, não assim os rostos, porque as maçãs são salientes, como as dos africanos, e os olhos pequenos, além d'isto os homens afeiam o rosto com um buraco no labio inferior, onde introduzem uma roda de pão, cujo diametro é de meia pollegada, e buraco nas orelhas, cujo diametro é de uma pollegada, o que conseguem fazendo augmentar pouco a pouco a roda, que introduzem no orificio: entretanto ha entre elles homens e mulheres de physionomia muito regular e engraçada, que não têm que invejar da raza européa quanto a cor clara e transparente.

A indole d'esta gente é pacifica, laboriosa e hospitaleira; demonstra toda a propensão para o estado de civilisação. Sem leis, sem moral escripta, sem religião revelada, sem direcção alguma do governo do paiz, vivem elles de seu trabalho, plantam a mandioca, de que fazem farinha, a batata, o milho, aboboras, etc., caçam quasi todos os dias, colhem os cocos, os palmitos: vivem em perfeita tranquillidade e harmonia, em obediencia a seus chefes. Porém vivem todos em perfeita nudez!... Vivem assim, e assim se aprenham a todo o mundo, apesar de mostrarem desejos de vestir, como nós outros!...

Dizem algumas pessoas, e entre ellas o missionario, que os

indigenas não querem andar vestidos, que a maior parte das roupas que lhes eram dadas ficava no esquecimento nas aldeias, porém como isto não succede com o chefe, que não vai á aldeia senão vestido, não apparece na aldeia á pessoa alguma sem roupa? Como não succede isto com outros menores chefes a quem se tem dado roupa? Dizem que são preguiçosos, que pôde-se chamar preguiçoso a aquelle que trabalha para satisfazer as necessidades reais e ficticias da vida? Poder-se-ia qualificar como tal aquelle que, não conhecendo outra necessidade senão a da conservação, trabalha para alimentar com o resultado do seu trabalho e defende-se quanto pôde contra seus oppressores? Não.

Vivem sem roupa, em casas que pouco abrigo offerecem, porque o clima, a ignorancia a isto os habituou; porque elles não experimentaram os commodos da vida social, que deperiam reputados necessidades reais.

Estes indigenas, assim como os de outras tribus se prestam a todo o genero de trabalho, especialmente o de campar, de caçar, pescar, remar, etc., sendo, como é certo, que em 1855 grande parte das tripolações dos barcos, que navegavam da Boa-Vista para o Pará, era de indigenas, o que não succede actualmente, por causa da mortandade causada pelo cholera morbus—n'esse anno, o qual ceifando quasi todos os indigenas, que desceram ao Pará, fez crer que alli achavam sempre a morte.

O que se diz a respeito de uma das tres aldeias dos apinagés, se diz a respeito de todas tres, porque a tribu, os seus costumes são os mesmos.

N'esta mesma comarca ha uma tribu dos carajás, e outra dos gradatús na margem esquerda do Tocantins, e outra dos caracatiz nas margens do rio Araguaya, os quaes todos são aldeados, e têm habitações permanentes, segundo informo o missionario e outras pessoas da cidade da Boa-Vista.

Ao norte da Boa-Vista ha algumas habitações em outra margem do rio, sendo a maior parte dos indigenas, que a cincoenta leguas de distancia se vê a villa de Santa Theresa, na margem oriental, cuja villa e seu termo fazem parte da comarca de Carolina do Maranhão. Esta villa é composta de casas de palha, n'ella reside o missionario franciscano Manoel, e na distancia de uma milha está situada a aldeia

Apinagi do Maranhão

carajás: o local foi mal escolhido, porque o terreno é arenoso, e só produz arbustos, que não têm serventia alguma, e nos terrenos contiguos os matos são muito raros e baixos, sendo que na margem opposta o terreno da provincia de Goyaz é argiloso e muito productivo, e ahi são feitas as plantações que alimentam os da villa.

A aldeia dos carajás é muito insignificante, poder-se-iam contar 50 a 60 pessoas de ambos os sexos: as casas formam um circulo, porém sómente têm a cupula, de sorte que de um golpe de vista se vê tudo quanto ha na aldeia; estes indigenas não plantam, têm para alimen'to o côco, algumas batatas indigenas, a caça, etc., e são muito menos robustos e menos assidos do que os apinagés. Contrista ver o estado miseravel em que vive essa gente, que poderia tornar-se mais robusta, se seu alimento fosse mais nutritivo, e prestar mais serviços do que os chins, importados com tanta despeza. Contrista a coração ver que essa gente definha por falta de industria, por falta de quem a dirija ao trabalho mais productivo; definha e vai acabar-se á mingoa, porque é uma tribu pequena que tem receio de ser destruida pelas mais fortes, tem receio de não mais longe procurar alimento; definha porque precisa e procura amparo da gente civilisada, dos habitantes da villa de Santa Theresa, e d'estes não tem auxilio, e em ultimo resultado terá uma morte de inanição. Que!...

Logo não ha de succeder, porque logo que Sua Magestade o Imperador tiver esta noticia, será servido dar as providencias e dar ordem a salvar a vida d'estes seus subditos.

### CAPITULO III.

#### Continuação da descripção dos povoados. Habitações das margens do rio Tocantins, vistas pittorescas.

De Santa Theresa para o norte poucas habitações ha nas margens do rio, e na distancia de cincoenta a sessenta leguas, ao pé do Araguaya, termina a provincia de Goyaz.

O rio Tocantins, que vai sempre engrossando suas aguas com mil confluentes, quando recce em seu leito o Araguaya, toma proporções gigantescas e parece um pequeno oceano,

cujos limites são as arvores, que fingem densas e escuras : ali parece que as aguas tornam-se menos transparentes, porém muito escuras. Passadas duas das ilhas, que se acham na confluencia d'estes dous rios, ao longe o presidio militar de S. João das Duas Barras, provincia do Pará : ali ha um destacamento de trinta e cinco praças commandado pelo capitão Constançio Dittus, que parece esforçar-se pela prosperidade d'essa povoação. este commandante é casado, tem dez filhos, dos quaes um casado com um negociante ; tem conseguido casar quasi todos os soldados do destacamento. Ha uma igreja com bons ornamentos, casa de arrecadação bem provida ; as casas de vivendas são espaçosas, porém todas cobertas de palha, o terreno muito productivo, os matos de boas madeiras ; é um pedaço de uma povoação que muito ha de prosperar, se o governo imperial mandar para alli um padre, um professor de boas letras, alguns artistas, especialmente carpinteiros, reis e se der outros auxilios : é este presidio actualmentem correctivo dos criminosos que navegam n'essa parte do rio.

Ao norte do presidio de S. João d'Araguaya ou S. João das Duas Barras viaja-se tres dias no deserto, lugares onde, consequencia das muitas cachoeiras e inundações, não ha habitações nas margens do rio, sendo que não muito longe (cinco leguas) habitam os gaviões, indigenas nomadas, que vivem inimizados com todas as outras tribus, que não tem querido relação com a gente civilizada, e não obstante nunca accommettem aos navegantes d'esse rio, os quaes de parte tratam de evitar seu encontro : é uma grande tribu no tempo da sêcca, ou em que o rio está baixo é visto nas margens do rio a pescar a tartaruga, colher seus ovos, e fui informado. Passadas estas ultimas cachoeiras, das quaes ha desvio em alguns igarapés, entra-se de novo no rio, cuja largura é immensa, e tanta que viajando-se no meio do rio é difficil é distinguir os objectos que estão em uma e outra margem. N'este trajecto, que é onde se encontram as maiores difficuldades, onde se acha a cachoeira denominada — repellido — é justamente onde se observa maior variedade de scenas, onde se reúnem mil quadros divertidos para a contemplação e admiração : ali, ora se vê a

parece como que elevando os ramos ao céu para agradecer ao Creador sua fórma, belleza, força, e prestimos, e então se experimenta a escuridão, a frescura, apesar da claridade e ardor do sol : alli se vêem praias ao nível do rio cobertas de áreas muito claras, onde o sol, dardando seus raios, parece redobrar sua calma, e seu esplendor : muitas vezes em lugares muito proximos se experimenta esse contraste : ás vezes é de mister entrar em um pequeno braço do (igarapé) todo coberto de frondosas arvores, onde os raios do sol não penetram e apenas sua luz convence que é dia ; outras vezes é logo apoz d'esse pequeno braço espraia-se o rio nas baixas margens, e toma grande largura, e n'esses lugares navega-se por entre as arvores, cujos troncos estão cobertos d'agua, e os ramos parecem ser nascidos n'agua ; ali a embarcação, serpeando entre as arvores, parece que vò, e qual o beija-fôr movido da fôrça, quando busca a fôr sem a achar, vò veloz de arvore em arvore sem pairar nem pousar, tal o barco passando de uma arvore para a outra, de que se desvia sem se parar, porque a corrente impetuosa da agua, a fôrça dos remeiros, o desejo de chegar ao lugar do pouso não contemem.

N'este espaço, onde só se ouve o murmúrio das aguas, o grito dos passaros, o grasnar dos patos, o guincho do javali, e ás vezes o silencio é absoluto, onde muitas vezes se encontram bandos de passaros aquáticos, como os patos, marreiros, mergulhões ; alguns quadrupedes, como os veados, os cervos, esquexadas, ou caetitús, atravessando o rio de uma para outra ilha, ou d'esta para o continente ; onde o peixe se encontra em qualquer parte, onde a natureza parece estar offerecendo todas as suas produções ao primeiro que d'ellas se quer aproveitar ; n'este deserto, digo, não póde o homem deixar de reconhecer a omnisciencia, omnipotencia e liberalidade do Creador, e ao mesmo tempo a fraqueza da intelligencia, pequenez da sciencia e do poder humano ; basta considerar com reflexão a rapidez com que as aguas descem para o centro commum, e ao mesmo tempo os diques que he fez o mesmo Creador para diminuir a sua precipitação, para conservar essas aguas em um plano inclinado, para que o barco possa n'ella navegar, para que possa conduzir na extensão de quatrocentas a quinhentas leguas os productos, que

a natureza lhes offerta, para conhecer os illimitados attributos do Ente Supremo.

Passadas, as ultimas cachoeiras, onde parece que o terreno tem menos inclinação, e por conseguinte que o leito do rio segue o mesmo plano, a navegação é menos precipitada, mais commoda, e logo se encontram casas de pessoas que vivem permanentemente nas margens do rio, e barracas dos lavadores da capital do Pará ou de suas proximidades com suas famílias ou seus aggregados colher castanhas, sendo que a primeira casa habitada está situada no lugar denominado Rancho, distante da ultima cachoeira 12 a 15 leguas.

Depois viajando-se dous dias e meio, que se contam 70 leguas, encontram-se, como já disse, em uma ou outra margem do rio, habitações permanentes de gente que vive de colher castanhas, gomma elastica e cacáo, encontram-se muitos barcos de conduzir castanhas, uns do tamanho de uma falúa, outros do porte de um hiate (a que chamam gambiaras), até que se descortina ao longe a villa de Baião na margem oriental, lugar a que até agora chegavam os navios a vapor do commercio do Pará: de Baião para baixo, sempre na direcção do norte, especialmente nas proximidades da villa muitas casas, algumas das quaes são situadas em lugares muito elevados na margem do rio; outras, em lugares mais baixos; estas são edificadas sobre girões de madeira porque ali o terreno é alagado no tempo das enchentes do rio, este baixo terreno é apropriado para a plantação do cacáo. Continuando a viagem para o Pará, abaixo de Baião 20 a 25 leguas, está situada a nova e florescente povoação de Macauba, que é composta de casas quasi todas novas e espaçosas quer na altura, quer na largura: d'ahi até o Pará toda a margem do rio, que se divide em muitos ramos, cada um com seu nome, é habitada por agricultores de cacáo, canna, e em pequena distancia se vêem casas de vivenda, algumas muito espaçosas e elegantes, muitas casas de engenho de canna, de pessimas moendas; pouco assucar se fabrica, e o do da canna é reduzido a mel e a aguardente. De Baião ao Pará só se viaja com as vasantes das marés, porque as aguas do oceano represam e fazem retroceder as marés, ninguém sabe quantas leguas ha de um ponto dado até ao outro, regulam-se as viagens pelas marés, e dizem: d'ahi ao

Pará tantas marés. Desde esta villa até o Pará se encontram os pequenos barcos onde viajam os quitandeiros, que vendem viveres, ou familias que vão de uns para ouros sitios; alli conduzem a comida, o fugareiro em que cozinham, o panciro para amassar o assay, côco muito miudo, do qual formam uma heberagem muito nutriente e muito apreciada pelos habitantes do Pará.

O rio Tocantins é uma das grandes estradas do interior do Pará, e tem de Baião para o norte um sem numero de ramificações formando ilhas do territorio que está n'essa parte do mesmo rio.

#### CAPITULO IV.

**Modo de viajar, tempo que se costuma gastar em cada viagem, nome das cachoeiras e suas distancias.**

Cumpre-me dizer que na viagem da Palma ao Pará costumam usar os que navegam em betes (esse é o nome das pequenas embarcações que empregam no commercio, e que tendo pouco mais largura que as falúas, têm muito maior comprimento, costumam gastar, digo, vinte a trinta dias, e quando montam gastam seis mezes e mais, por causa da demora que ha no descarregamento e carregamento dos generos nas cachoeiras; eu, porém, descendo em uma igarité de seis remos (embarcação menor que os botes) gastei vinte dous dias e sendo gastar menos se viajasse á noite, como costumam fazer os viajantes. Esse rio nos lugares em que não ha cachoeiras, e em alguns dezoito dias de falha para poder observar o que havia de mais interessante nas villas, povoados, cidades e aldéas. Saí da cidade da Palma a 27 de Dezembro do anno proximo passado (1858) pelo meio dia, sendo acompanhado até a margem do rio por quasi todos os homens residentes na cidade; igual procedimento teve um grande numero de senhores, que, não me acompanhando, foram assistir á minha partida postando-se debaixo das arvores que ornão a margem do rio. Esta demonstração de estima e amizade muito me penhorou, e se algum motivo de descontentamento tive na Palma, logo esquecido n'essa occasião na margem do rio. Saí a 27,



como disse, da Palma a 28, pelas duas horas da tarde, aportei na povoação do Espírito Santo do Peixe, cuja distancia é de vinte e quatro leguas por terra e talvez mais de tres pelo rio, por causa das sinuosidades; tendo-se consumido duas horas em descarregar minha bagagem e conduzi-la a terra para salvar a cachoeira do Tropeço, que fica na distancia de tres a quatro léguas do Peixe; as pedras da cachoeira no canal, com o grande volume d'agua que então haviam todas cobertas, e por esse mesmo motivo tinham parecido os pequenos saltos; a cachoeira n'este estado é plano inclinado, em cuja extremidade superior lança-se o gentil batel e este, pela inclinação natural pelo impulso das aguas pela força dos remeiros, desce com uma velocidade incalculavel; em um momento dado manda o piloto (o homem que leme ou pratico) atacar, e á essa voz os remeiros empregam toda a força, e fazem uma gritaria, como ameaçando o perigo e n'esse mesmo momento a embarcação está abaixo da cachoeira; então essa gente larga os remos e mostra-se contente como se tivesse vencido uma batalha. A razão que se emprega na descida das cachoeiras toda a força é que, estando a embarcação muito leve, muito na superfície d'agua, seria levada precipitadamente pela força da massa d'agua, sem que o leme pudesse dar direcção, o que não succede quando se emprega toda a força, força igual em ambos os bordos. Eu desci por terra e colloquei-me em posição para poder ver essa manobra, que nunca tinha visto, e de d'esta observação considerei que, havendo muita agua, tendo todas as pedras cobertas, sendo conhecida a largura do canal, não havia perigo em descer embarcado; deliberei passar algumas cachoeiras na mesma embarcação; passei sem receio algum e algumas vezes com prazer.

Partindo do Peixe das 4 para as 5 horas da tarde do dia navegando todo o dia 29, passei o ribeirão de Santa Theresa, o rio Manoel Alves Pequeno, e á noite cheguei á povoação de Ipociras, onde dormi: a 30 viajei até a 1 hora da tarde chegando á cachoeira denominada Carreira Comprida, alli se a embarcação da carga e passei a cachoeira embarcado. Esta cachoeira é mais extensa que a precedente, porém no mesmo plano inclinado e não tem salto. Passado esse embarço, segui viagem, e duas leguas depois cheguei á

porto Imperial (que mais merecia o titulo de cidade do que outras) que dista da povoação do Peixe 30 leguas; abí hospedei-me em casa do capitão Mathias Ferreira Lemos, negociante e fazendeiro; fui visitado pelas pessoas mais gradas do lugar, que me deram provas da maior sympathia e estima, taes que eu não merecia nem esperava: alli estive no dia 31 vendo a villa e seus arrabaldes; no dia 1.º de Janeiro do corrente anno demorei-me para ouvir missa, e depois d'esta fui convidado para um almoço (um banquete) dado pelo negociante Severino Ignacio de Alacodo em obsequio a seus amigos, as pessoas melhores do lugar.

Ahi observei o que já tinha observado na comarca da Palma, que seus habitantes se tratam como irmãos, com muita amizade, franqueza e sem cerimonia, e que, apesar do excesso das bebidas, todos os divertimentos principiam e acabam em paz.

No dia 2 de Janeiro não consentiram o meu hospede e outros que eu continuasse a viagem, por ser domingo, e pediram-me que fizessem com que parte da tripulação não apparecesse: no dia 3 pela manhã sahi do Porto Imperial, sendo acompanhado até á margem do rio pelo meu hospede, o capitão Sebastião e outros que me queriam acompanhar até duas leguas de distancia, em cujo obsequio não fui grato. Depois de viajar algumas horas aportei em uma grossa mata para renovar a tolda da canoá, a qual é feita de folhas de palmeira ligadas com talas e vimes, e assim preparada constitue um tecto em semicirculo, ou abobada, impermeavel á agua.

A 4 continuei a viagem pelas 6 horas da manhã; ás 10 apparez-se a cachoeira de Santo Antonio sem descarregar, e assim passou-se ás 11 horas a cachoeira dos Pilões, que dista do Porto Imperial 18 leguas, pouco depois a dos Mares, que é bastante longa, depois a do Lageado, e ás 6 horas da tarde parou-se na boca do Funil (cachoeira). A 5 só pude principiar a navegar ás 8 horas do dia, porque tinha de passar pela cachoeira do Funil, sendo que estas passagens só se fazem quando o sol está alto, para se poder ver as pedras, que formam os baixos no canal; n'esse dia passei a primeira cachoeira dos Chavantes, povoação do rio do Somno, ou de Pedro Branco, e, viajando sem más obstaculo nos dias 6 e 7, no dia

8 pelas 8 horas do dia cheguei a Carolina, contando 90 leguas de viagem em quatro dias e meio.

Em Carolina fui hospedado pelo juiz de direito Antonio Buarque de Lima, que, com o juiz municipal Dr. Carlos e outros seus amigos, esmerou-se em obsequiar-me, e fez houvessem em algumas noites reuniões de famílias as mais civilizadas do lugar, onde contra a minha expectativa houve musica, dança, e cantoria das não communs no interior do paiz.

Passados 6 dias aqui em observar o que havia de mais notavel, os costumes, &c., parti para Boa-Vista ás 5 horas tarde do dia 12. em companhia do proprietario e negociante da Boa-Vista José Joaquim Severino, natural de Portugal, de um advogado Seixas, natural do Maranhão. os quaes tinham ido a Carolina para tratarem de seus negocios, e me obsequiarem demoraram-se mais alguns dias: a viagem tornou-se mais agradável, porque estes homens davam nada de tudo: no dia 14 viajei todo o dia, passou-se quasi a perceber a cachoeira de Sant'Anna, e no dia 15, pelas 8 horas da manhã, cheguei á Boa-Vista, isto é, viajei 40 leguas em 18 horas. O negociante não quiz que eu tomasse a casa senão a d'elle, e os habitantes d'esta cidade muito penhoraram com seus offerecimentos e agrados. O dia passei na cidade, os outros dias foram consumidos em o que havia de mais notavel, em visitar as aldeas dos indians, em arrastar provisões, &c., até que no dia 21, pelas 8 horas da manhã, continuei a viagem e venci n'esse dia 40 leguas, viajando sem cessar até alta noite: no dia 23 do pouso ás 5 horas da manhã, e tendo feito 10 leguas, cheguei a Santa Theresa (hoje villa da Imperatriz) das 8 para 9 horas; aqui estive com o missionario franciscano Fr. Manoel, que mostrou-me a villa e a aldeã; ao meio-dia continuei a viagem até ás 6 da tarde: a essa hora tomei porto, e viajei toda a noite. Neste lugar, assim como em todos outros em que não ha cachoeiras, viã-se á noite, em remos, nem governo do leme, navega-se como elles dizem a borbulha, ou ao fervor das aguas, e como quer que observasse que não só o piloto, como os remeiros dormiam somno solto, e não acostumado a essa navegação, temesse o batel fosse de encontro a algum dos muitos pães e arvores

que as aguas conduzem, ou fosse encalhar em alguma praia, deixei de dormir toda a noite, e por este motivo, e mais porque observei, que não havia bom commodo para os remeiros e piloto dormirem e que assim mal trabalhavam de dia, deliberei-me não mais viajar de noite, apesar de conhecer que não ha perigo algum n'essa viagem: n'esse dia e noite venci-se talvez mais de quarenta leguas.

No dia 26 continuei a viagem ás 5 da manhã, e ás 8 aportei no sitio denominado—Tigro—Ahi almocei, e ás seis horas da tarde aportei em uma ilha contando trinta leguas. No dia 27 principiêi a viagem ás 4 horas da madrugada, ás 5 passei as duas ilhas da barra do Tocantins, depois passei a foz do Araguaia, e adiante aportei no presidio, ali almocei com o commandante, e depois de ver o que havia na povoação, ao meio dia deixei esse primeiro povoado do Pará: viajei até ás 5 horas da tarde, em que tomei porto para jantar: depois continuei a viagem, até que ás 7 da noite sobreveio um temporal, depois do qual dormi com a tripolação em uma praia: depois de meia-noite continuou-se a viagem a remos: adiantou-se quarenta ou mais leguas.

A 28, pelas 8 horas do dia, principiou-se a passar as cachoeiras do Itaipuy, pela margem que dá lugar a fazer-se esta passagem sem ir sobre as cachoeiras: viajando-se todo o dia sem cessar, tomei porto ás 5 e meia horas da tarde e calculei ter feito mais de 30 leguas: é justamente n'este deserto onde o vento muito se espraia no tempo das enchentes e onde as arvores costumam nascer no meio do rio.

Na margem occidental ha um aborto na familia das palmeiras, isto é, um pé de tucum com hasteas.

A 29 principiêi a viagem ás 5 horas da manhã na cachoeira da Itaboca, ás 8 aportei na ilha que tem o mesmo nome da cachoeira, e depois do almoço entrei no igarapé do arrependido: aqui trabalharam os da tripolação constantemente até á noite, passando por lugares apertados e outros obstruidos pelas pedras e madeiras, sendo ás vezes necessario carregar, por um dizer, a igarapé nos hombros. A 30 continuei a navegar pelo igarapé do arrependido, onde ha um apertado bem difficil de transpor: por vezes me pareceu que o fragil barco se despedaçava nas pedras, porém outras tantas me convenci de que todas as difficuldades são vencíveis: ao meio-dia subi do

igarapé e entrei no rio para passar a ultima cachoeira denominada do—arrepellido:—ahi foi de mister descarregar duas vezes, e em uma d'estas occasiões, em um remanso vi um jacaré ou crocodillo de mais de dez palmos de comprimento: este animal, que acomette com muita facilidade qualquer outro, tendo sabido d'agua para tirar carne secca, que estava na beira do rio, fugiu logo que nos approximamos a ella: desapareceu: para poder transpor esta ultima cachoeira ainda foi preciso recuar, isto é viajar contra a corrente, como quem quer subir, para poder descer a salvo: ahi a prôa toma o lugar da pôpa: um cabo preso nas argolas da prôa e com a outra extremidade presa no tronco de uma arvore, contém o barco e deixa descer pouco a pouco: quatro dos remeiros tomam varas mui grossas de diametro de mais de duas pollegadas, lançam-as no rio no sentido inverso da navegação, a fim de tambem conterem a precipitação do barco, e o piloto no leme vai dando a direcção como se viajasse para a parte inversa ao seu norte; chegando o barco ao lugar onde se podia viajar do modo commum, foi encostado á praia para poder-se dar nos dois direccão á prôa, e n'esse interim os dous remeiros, que tinham ficado junto á arvore para ir dando o cabo, largaram-se na corrente, e com a rapidez de uma balla chegaram ao lugar em que estava a igarapé: ao ver-se estes homens nadarem em uma corrente tão forte dir-se-ia que eram dous peixes voadores, cujos corpos estavam melade na agua e metade no ar. Feita esta manobra, tomando cada um dos quatro remeiros seus assentos, os dous chamados poupeiros, lançando a mão das varas, tomaram seus lugares na pôpa e ahi, empurrando a face para o piloto, esperavam signal d'este para darem a direcção ao batel, para desviarem-o das pedras que se acham no meio do canal: as ordens que dá o piloto, e recommendações que faz, annunciam perigo, porém o resultado demonstrou que, havendo pericia, conhecidos os entalhes e os meios de desviar-se d'elles, não ha perigo: e ao effeito, remando os quatro remeiros com toda a força, obstepeios dous proeiros a pancada na pedra, ou pedras, que acham no meio do canal, bem dirigida a canoa pelo piloto quando menos se espera, está-se livre d'esse ultimo obstaculo.

O igarapé de que fallei serve de desvio ás cachoeiras José Corrêa, do Torrinho, e da do Arrepellido; não de-

porém a parte mais baixa d'esta ultima cachoeira, que é reputada o lugar de maior perigo.

Não é possível calcular bem a distancia que comprehendem estas cachoeiras; o certo é que gastei o dia 29 e 30 até meio dia; dado o descanso necessario para um trabalho tão arduo, e tomada a refeição, continuei a viagem até 5 horas da tarde, fazendo dez leguas pouco mais ou menos.

N'essa noite houve grande temporal, porém nenhuma avaria soffreu a embarcação, nem incommodou algum a gente, que toda dormiu em terra, como em quasi todos os dias de viagem.

No dia 31 principiei a viagem ás 6 horas da manhã; depois de andar dez leguas passou-se a pequena cachoeira da Guariba, e continuando até 5 horas da tarde venceu-se talvez trinta leguas n'esse dia.

No 1.º de Fevereiro viajei todo o dia, aportando em diferentes sitios, onde vi as casas ou barracas dos colhedores de castanhas, e, aproveitando parte da noite, fui dormir em terra perto de Baião: d'esta villa para o Pará gastei cinco dias ou dez marés, chegando á cidade a 6 de Fevereiro pelas oito horas do dia.

Nunca me faltou mantimentos, porque trazia a provisão necessaria; nem nunca me foi negado agasalho quando eu o procurava, porque todos os habitantes do Tocantins são hospitaleiros.

## CAPITULO V.

### Usos e costumes, indole da gente.

Tendo feito a descripção dos lugares, suas produções, riquezas, etc.; tendo mencionado os povos, que ha ao norte de Goyaz, e finalmente o tempo que gastei na viagem pelo rio Tocantins, cumpre-me dizer alguma coisa sobre o caracter, usos e costumes d'essa gente, da industria, artes e commercio, e depois indicar os meios de melhorar a condição d'aquelles povos, e de facilitar o commercio pelo rio Tocantins e dar incentivo ás provincias de Goyaz, Maranhão e Pará.

O caracter de todos esses povos é o mesmo, que se observa em todos os brasileiros; são humanos, doces e hospitaleiros.

Para prova da bondade de seu caracter, basta dizer que havendo de ordinario nos divertimentos excessos de bebidas, não

ha n'essas occasiões desordens, e por maior que seja o entusiasmo nas festas, nos banquetes, não ha offensas individuais: elles soccorrem-se mutuamente em suas necessidades, e vivem uma especie de communismo; os crimes contra a segurança individual quasi nunca são revestidos de circunstancias atenuantes: e estou persuadido que muitos crimes deixariam de existir, se porventura a moral estivesse mais apurada, e certas idéas falsas sobre os deveres e direitos do homem fossem destruidas pelos conhecimentos dos principios da moral e religião. Sua docilidade é experimentada sempre que ha q'elles falle o voz da razão e com desinteresse e lealdade. A hipotidade é attestada por todos aquelles que d'ella se querem aproveitar, e até por aquelles que a não procuram.

Os usos e costumes resentem-se de habitos inveterados, e falta de gosto, civilisação e instrucção: em geral, no trajas os homens e mulheres asseados, sendo que os homens trajam com mais decencia, usando nos dias de trabalho de calças, jaqueta, e nos dias de domingo e de festas, nos casamentos, baptisados e enterramentos de casaca ou sobre-casaca: as senhoras pouco uso fazem dos vestidos, usam mais da amola dos capotes, e trazem sempre muitos enfeites de ouro no nariz, nos orelhas, na cabeça. As comidas são pouco delicadas, o prato indispensavel é o do feijão com toucinho, como em Minas e São Paulo: contudo não suppoz encontrar n'aquellas alturas pessoas que tivessem o gosto tão apurado na comida que (em geral) as pessoas que têm meios gozassem de uma variada mesa. A gente mais grosseira, como em toda qualq' parte, mais aprecia a quantidade do que a qualidade.

Os barqueiros, especialmente, parece que vivem para comer, porque, além da comida sem medida que lhes dão os patrões na viagem, consomem a maior parte de seus salarios em comer e beber. Ha um costume entre as pessoas grossas que me parece mui prejudicial á saude, e vem a ser o de gargarem-se no rio logo que acabam de comer, principalmente no tempo de calor: d'ahi talvez provenham algumas enfermidades como o pleuriz, a febre intermitente, etc.

Ha habito de viajar: por qualquer motivo familias inteiras se transportam a lugares longinquos; a festa da Senhora Abbadia, no Moquem, ao sul da provincia, e outras são pretextos para se fazerem viagens de 60 a 80 leguas, par-

tehem as estradas de gente; as senhoras montam como os cavalheiros, com calças e botinas, e fazem longas viagens sem mostrarem enfado; as casas são pouco espaçosas, contudo algumas ha boas, principalmente as modernas, as de Natividade e Porto Imperial me pareceram mais elegantes e asseadas do que as de outros povoados e villas.

O lugar em que o commercio mais floresce é a cidade da Palma: a sua situação topographica para isso concorre; é o ultimo ponto a que chegam os boques que conduzem mercadorias do Pará, e está no centro de muitas villas e povoados, como S. Felix, Cavalcante, Arrayás, S. Domingos, Conceição, Santa Maria, S. José do Duro, Peixe, Natividade, etc.: todos os habitantes d'estes lugares e seus suburbios vão se prover na Palma de sal, de ferro, louça, vinho, etc., importados do Pará. Poucos artistas ha, especialmente os mais necessarios, como ferreiros, pedreiros, carapinas.

O genero de vida que occupa maior numero é o da criação de gado; os agricultores são poucos em relação á população; contudo os generos alimenticios são baratos, uma quarta de mandioca, que corresponde a um alqueire aqui na côrte, não custa mais em tempo ordinario que 12<sup>rs</sup>; por igual preço se vende milho, e por muito menor o milho e arroz; uma rez custa 12<sup>rs</sup> a 12<sup>rs</sup>, sendo escolhida, porém, em mão dos que vendem é caro, custa ao mais 16<sup>rs</sup>.

Pouca ou nenhuma industria ha: o fabrico do assucar está na ultima escala da imperfeição, sendo de notar que ao norte do rio não se conhecem os engenhos horizontaes; as moendas de madeira, movidas por bois, as caldeiras são grandes e feitas de cobre, e o assucar é apurado em vasos de couro.

A instrucção é tambem muito limitada, apenas sabem os homens ler, escrever e contar: poucos, além dos padres, traçam o latim; a legislação tambem é pouco conhecida, sendo de notar que em muitas villas não ha advogados, excepto em S. Felix (do Maranhão), onde ha dois. Os verdadeiros principios da religião são pouco conhecidos, sendo aliás os povos devotos; as igrejas são mui frequentadas nos dias de missa e de festa, porém a maior festa é feita fóra da igreja, e consiste em muitos fogos do ar, tiros e jantaras; contudo na Palma ha uma pequena orchestra, que dá mais solemnidade e alonga a

feita da igreja, e é de presumir que, desenvolvido o gosto musical, brevemente allí hajam bons concertos.

Em geral pouco apreço se dá aos prazeres moraes, os mais ulhecidos e apreciados são os sensuaes; pareceu-me haver pouco no excesso da comida e bebida, e no uso do fumo, etc., sendo que até as crianças pitam, especialmente os das margens do rio, quando banha a provincia do Pará.

## CAPITULO VI.

### Meios de melhorar a navegação e a condicão dos povos do Tocantins.

Agora cumpre-me dizer quaes são os meios que me parecem mais adequados para fazer prosperar aquelles lugares, de aproveitar grande parte das riquezas, que hoje são inúteis.

A via de communicacão, de transporte mais facil e vantajosa é a fluvial: um bote pequeno de custo de 500\$ e mais de seiscentas arrobas, que é a carga de com bestas, cujo custo é 10:000\$; a tripolação de um tal bote é de dez a dez e meia pessoas, e tantas são precisas para guiar as com bestas de carga; o salario dos remeiros é de 40\$ a 50\$ e equivale ao de camaradas que conduzem as bestas: o do piloto do bote é de 200\$, equivalente a do arredoiro das tropas: a differença que a favor da viagem de terra é a do tempo; nas viagens redonde da Palma e Porto Imperial para a Bahia, de Cavalcante para o Rio de Janeiro, gasta-se quatro até seis mezes, nas fluvias da Palma e Porto Imperial para o Pará seis a oito mezes: porém as viagens de terra têm contra si a despeza que se faz com o milho para os animaes e com a substituição dos que se estripam e morrem: na viagem de terra um doente grave com a pecca e ás vezes paralysa-a; na fluvial assim não succede porque no bote ha abrigo, ha commodo para o doente commoçar a viagem.

O que obsta o desenvolvimento da navegação do Tocantins são as cachoeiras, não só pelo risco que ha na descida, como na difficuldade da subida, não sendo possível destruir as cachoeiras, porque são consequencias de elevação ou declinacão do solo, porque são os diques naturaes que represam as aguas no leito do rio, sem os quaes deixaria de existir agua para navegar, porque sem ellas a corrente das aguas seria mais pre-

pitada e então impossível seria remontar; não sendo possível destruir as cachoeiras, digo, o meio que á primeira vista parece a muitos ser o unico de evitar esses obstaculos, é aprofundar os igarapés, ou abrir pequenos canais que, desviando parte das aguas, passem por terrenos baixos, e não pedregosos; porém esta medida, além de ser muito dispendiosa, em pouco tempo se tornaria inutil; porque logo que a força das aguas descobrisse as pedras, este novo canal seria uma nova cachoeira, ou a continuacão d'aquella, que se quizesse evitar. Os meios unicos que me parecem ser proveitosos são os seguintes: primeiro destruir algumas pedras, e remover outras que se acham no meio do canal, e que obrigam os botes a fazer um zig-zag, em cuja manobra, por qualquer descuido ou pouca pericia do pratico, podem perder-se; em outros lugares alargar o canal, cortando as pedras lateraes que ás vezes obstam a passagem dos botes de maior porte, cuja operacão se pode fazer no tempo em que ha poucas aguas; porque então a maior parte das pedras perniciosas estão fóra d'agua.

Por este meio, conservados os diques naturaes, se destroem esses tropeços e fantasmas, que desanimam a navegação e o commercio, que tem obrigado a muitos abandonarem o commercio do Pará, e não haverá mais o risco de perder um bote. Esta operacão não me parece muito difficil: não serão necessarios os soccorros da engenharia para ser levado a effeito. O segundo meio é fazer estradas na margem do rio junto as cachoeiras para facilitar a conduccão das mercadorias do ponto em que se desembarcam para o em que tem de ser de novo embarcadas: actualmente existem estas estradas, isto é, uns caminhos, em que apenas póde passar um homem com o sacco de sal, ou outros volumes nos hombros: estas apertadas estradas, muitas vezes são obstruidas por troncos de arvores cahem, por espinhos e pedras, o que tudo difficulta o transitio, sendo que era alguns poucos lugares um pequeno regato impedido a passagem, de quem anda com o peso ás costas. Abertas as estradas a ponto de que o sol as possa conservar, feitas algumas pontes de um só páo que tenha a largura necessaria para n'elle se passar com facilidade, destruidas as pedras que ameaçam perigo, a viagem do Tocantins será feita em metade ou duas terças partes do tempo que actualmente se gasta, será feita sem perigo, que hoje esmorece a muita gente.

Sendo commoda e menos perigosa a viagem, muitos receiam actualmente aventurar seus generos, seus capitães expôr suas vidas, se empregarão n'essa navegação e commercio com o Pará; tomando esse incremento, os habitantes das margens do Tocantins terão consumidores para seus productos: obterão em troca os generos de que precisarem, assim melhorarão sua condição, e com essa navegação e commercio prosperarão as tres provincias Goyaz, Maranhão e Pará, lavouradas por este rio.

Se os cofres publicos podessem comportar as despezas, seria mais conveniente fazer carris de ferro n'essas estradas das cachoeiras, porque então a condução das mercadorias seria feita em carros de mão (e não nas costas dos remeiros), e com carros apropriados, e que os negociantes ou viajantes conduzirem em suas canoas, fazendo dest'arte em poucas horas a condução dos volumes que actualmente fazem em muitos dias.

Algumas pessoas que nunca viajaram o Tocantins (como se vê em uma representação feita á assembléa geral pela assembléa provincial de Goyaz), entendem que alli podem navegar navios á vapor: porém se viajassem, se tivessem observado com seus olhos, ou tido as devidas informações, veriam que se este rio corre longos espaços, quarenta e ás vezes cincoenta leguas em leito profundo, eja que poderiam navegar os vapores de grande cabado, e em outros muitos lugares cortado a sua carreira pelas cachoeiras: aléa d'isto a pouca população e commercio não poderiam manter essa navegação, e a verdade d'es'a verdade está na navegação á vapor estabelecida do Pará até Baião, (villa que dista da capital do Pará cincoenta leguas mais ou menos) que se não pôde sustentar, sendo que essa navegação chega hoje sómente á villa ou cidade de Cametá.

Finalmente cheguei ao ponto em que devo tratar dos meios de melhorar a condição dos indigenas.

Enquanto ao meu fraco entender, creio que no estado, em que se acham elles na Boa-Vista, Santa Theresa ou Imperatriz e outros lugares só precisam de bons exemplos, só precisam de quem edificando casas commodas, plantando, exercendo alguns officios mecanicos, ensine com o seu modo de vida a trabalhar e gozar dos commodos sociaes.

Se em uma aldeia, dos apinagés por exemplo, habitar um homem, que fizer uma casa de madeira e taipa coberta

telha, o cacique d'essa aldeia, não querendo casa inferior, fará a sua, os chefes subalternos depois farão as suas, e finalmente todos os outros habitantes farão: porque o instinto da imitação é muito poderoso, e o amor dos commodos é muito natural. Feitas as casas por esta fórma, não será tão facil a mudança de habitação, o que actualmente succede: porque em um momento formam elles as casas, em que hoje habitam: feitas as casas de telha, &c., o amor do commodo se identificará com o amor do sitio, e então terão elles habitações permanentes.

Se esse homem figurado for agricultor, lavrando a terra, cercando-a, plantando-a, colhendo os fructos ensinará as vantagens que se tiram de trabalho methodico: depois outro ensinará os officios mais indispensaveis, outro a leitura e a religião, &c.: pouco e pouco se tornará es'a boa gente industriosa, útil a si e ao paiz. Actualmente plantam mandioca, de que fazem farinha, porém têm poucos instrumentos e difficilmente fazem a plautação: ralam a mandioca em troncos de angico, expremem-a em cestos feitos de talos de palmeiras, fazem a terrafacção da farinha em lages de pedra, e assim mesmo têm farinha para se aliementarem e para trocarem por machados, fources, fumo, aguardente, &c., como eu observei na Boa-Vista.

Os indigenas, que actualmente vivem sem roupa, que no tempo do frio só acham abrigo no calor do fogo, logo que alguma agente do governo fór ahi habitar e der ou trocar alguma roupa, fizer conhecer as conveniencias dos vestidos, os indigenas, digo, que experimentarém os commodos da roupa, quererão sempre andar vestidos, trabalharão para colher os fructos que devem dar em troca das roupas: e assim se tornarão mais activos e industriosos.

Em um terreno tão productivo não será difficil plantar e colher muito algodão, e n'esse caso poder-se-hia aproveitar o serviço de muitos hozens e mulheres de avancada e de menor idade em fiar e tecer, sendo como é hoje facil essa manufactura por meio de machinas mui simples.

No Araguaia a tribu que está estabelecida a trinta leguas do presidio de S. João das Duas Barras, faz excellentes redes, conhecidas por — tapueiranas —, que trocam ás vezes por um machado e outras cousas de pouco valor. Estes indigenas dormem em suas redes, e da mesma rede fazem cobertor.

Esta idéa não é innata nem despertada pela necessidade, elles aprenderam de alguém; e assim têm uma occupação útil a si e vantajosa a muitos.

Escolham-se homens e mulheres habilitados para servirem de mestres, dê-se-lhes uma recompensa, que brevemente os indígenas se tornarão laboriosos e industriosos. Por alli mesmo ha muita gente honesta, conscienciosa, laboriosa e que dar-se-ia por contente, se tivesse o ordenado de 600\$ ou 800\$ rs. para ensinar os indígenas em alguns annos a trabalhar com methodo e gosto, a permittir suas produções por objectos agradaveis e necessarios, a apreciar os commodos e vantagens da vida social.

Querer tirar por força ou por engano os indígenas de entre os seus para dar-lhes uma educação social, para habitual-os a vida social, querer que elles vivam entre a gente civilisada, e o mesmo que obrigar o homem civilisado a viver entre os selvagens, a seguir seus habitos: querer que elles deixem seus sitios e vão estabelecer suas habitações junto ás cidades, villas ou povoados, é o mesmo que querer corrupção da gente simples e ignorante por alguns depravados e immoraes, que ha de ordinario n'essas villas e povoados, que abusando da ignorancia, simplicidade e boa fé dos indígenas, se insinuam em seu animo e os conduzem para o mal.

Convém não constringer os indígenas, não obrigar-os pela força, porque elles têm muito amor á sua vida independente: convém não atacar de frente e de chofre seus habitos, costumes e inclinações: porque elles os deixarão logo que gozarem os commodos, as vantagens da vida social.

Convém que o governo imperial recomende a todas as autoridades, aos povos civilisados, que não hostilizem os indígenas, que não se façam bandeiras a titulo de perseguir indígenas hostis e aggressores: porque este inhumano systema, este vergonhoso passado de carnificina, de devastação, tem feito com que os indígenas nos considerem seus inimigos encarnicados.

Sinto não ter as habilitações precisas para bem apreciar as cousas e indicar os meios pelos quaes se possam conseguir os melhoramentos materiaes e moraes: sinto que os meus patricios, que têm a fortuna de viajar na Europa, que para alli vão estudar costumes, etc., e que estão habilitados para apreciar

devidamente as cousas, deixem de viajar no interior do paiz, deixem de observar suas riquezas naturaes, os costumes d'aquelles povos e os meios de aproveitá-los: sou eu quando passei pelo Porto Imperial, Carolina, Boa-Vista, etc., saber que um inglez, empregado na legação britannica n'esta corte, tinha subido em uma igarité até ao Porto Imperial por curiosidade, por amor de observação, tinha visitado os povoados, as aldeas indígenas, e conduzindo suas armas, seus enfeites, e que isto não tivesse ainda sido feito por um brasileiro; porque, se a mesma curiosidade, o mesmo amor de observação, o amor da patria conduzissem os nossos patricios haheis áquelles lugares, talvez que actualmente a condição d'aquelles povos fosse li-songeira.

Em conclusão direi que conheço a imperfeição d'esta descripção, a escassez de idéas proveitosas, as quaes serão suppridas pela sabedoria e indulgencia do Imperante, e que dar-me-hei por contente, se com este pequeno trabalho suscitar qualquer medida que possa melhorar a condição d'aquelles povos dignos de melhor sorte, se puder concorrer para o incremento do commercio de Goyaz, Maranhão e Pará, e assim para o engrandecimento do Brasil.